

Economia - Brasil Obsessiva recessão

JORNAL DE BRASÍLIA

Carrion Júnior

04 DEZ 1990

Passados praticamente nove meses, o País inteiro já descrede da atual política econômica, de sua ministra e de seu Presidente.

Muitos dirão que esta situação é fruto da falta de paciência da maioria, do oportunismo e do marketing político da oposição frente à arrogância do governo e da insaciável e impaciente voracidade dos empresários. Outros, mais cautelosos, dirão que a descrença e a desconfiança decorrem do excesso de teatralidade do Presidente quando prometeu, em março, liquidar a inflação em sessenta dias e com um só tiro.

Enquanto todos, a cada final de tarde, reforçam suas previsões sobre a iminente queda da ministra e a data de um próximo Plano Collor II, vale a pena nos debruçarmos sobre os fatos absolutamente reais que explicam toda esta descrença, cuja origem não é nem imaginação, nem marketing político e nem pressa em resultados.

Raciocina-se normalmente sobre dois cenários econômicos possíveis: em um, a inflação existe mas a economia está razoavelmente organizada, seus preços e câmbio estão alinhados e com nível de produção adequado; em outro, a inflação é bastante baixa mas a economia está estagnada e desalinhada; na primeira hipótese, é possível baixar a inflação e na segunda retomar o desenvolvimento. Hoje, depois de nove meses da atual política econô-

mica, não temos nenhum desses dois cenários no País: ao contrário, temos absurdamente a mistura dos componentes negativos de ambos. Estamos praticamente voltando ao ponto de partida, depois de enormes custos sociais e já tendo, agora, iniciado a destruição do próprio aparato produtivo, cuja montagem tanto custou ao País.

Enquanto a inflação mantém-se em um patamar acima dos 15%, podendo sem demora ultrapassar os 20%, a economia permanece estagnada, desorganiza-se e estreita o mercado interno via arrocho salarial. A produção agrícola será reduzida em 20% na atual safra, em função da falta de financiamentos, do desestímulo de preços incompatíveis com os juros pagos pelo produtor, da conseqüente redução da área plantada, da não reposição de máquinas e implementos e do quase inexistente uso de fertilizantes. O próprio ministro da Agricultura prevê para 91 "desabastecimento de gêneros básicos como arroz, milho, e derivados da soja". Não há "quebra de safra", como falam alguns equivocadamente, pois a origem desta redução não está em fatores climáticos ou fitossanitários, mas sim na ausência de uma política agrícola.

A produção industrial tem uma queda média de 7%, conforme o IBGE, em meio a concordatas e falências e, o que é mais grave, já não há sequer reposição dos equipamentos, o que significa que nosso parque

industrial está fisicamente encolhendo. A única política industrial existente, se assim pode ser chamada, é a liberação de importações para forçar os oligopólios a baixarem seus preços e, na realidade, já descamba para a importação de superfluos, comprometendo seriamente nossa balança comercial.

Enquanto isto, até hoje o governo não conseguiu estabelecer um acordo com os credores externos, sujeitando-se nosso Presidente a receber pitos do desacreditado vice-presidente americano, Quayle, e Jório Dauster, nosso negociador, a ser chamado de "ladrão" por banqueiro alemão. Nosso câmbio continua defasado e o superávit atinge seu ponto mais baixo dos últimos anos, enquanto o Brasil tem dificuldades em obter crédito para importar arroz e trigo, em falta no País.

Não temos, hoje, uma política econômica, mas sim o uso obsessivo da recessão, como se este fosse o único instrumento existente. Ou o governo aceita terminar este equivocado ciclo de nove meses e construir um acordo nacional para uma nova política econômica, ou continuaremos a cada final de tarde a discutir quando cairá a ministra e/ou quando chegará o Plano Collor II para jogar os problemas um pouco mais para adiante!

□ Carrion Júnior economista, deputado estadual pelo PDT do Rio Grande do Sul e deputado federal eleito